

CDU 92 (Julião, F.)

PROFETA NO EXÍLIO:

O RETORNO NO MITO DE FRANCISCO JULIÃO *

Anthony W. Pereira

Professor Assistente do Departamento de Ciências Políticas da Escola Nova para Pesquisa Social, New York, USA.

“É privilégio dos historiadores serem prudentes após o acontecimento, e quanto mais néscio o historiador, mais prudente ele pretende ser geralmente.”¹

C. L. R. James

1. INTRODUÇÃO

Francisco Julião completou 75 anos em 1990. O político e escritor pernambucano é melhor conhecido como o ex-presidente das Ligas Camponesas, organizações de trabalhadores rurais e de camponeses que exigiram a reforma agrária no Nordeste do Brasil nos finais dos anos 50 e início dos anos 60. Vive discretamente em Cuernavaca, México, e é pouco provável que volte a ter qualquer impacto na política brasileira. Por isso, este é o momento apropriado para rever a sua vida e o seu trabalho.

O impacto de Julião na política rural do Nordeste do Brasil durante os últimos anos da República populista (1945-

* O autor agradece a Maria de Fátima Monteiro, da Universidade de Harvard, pela tradução deste artigo, e ao Dr. Cliff Welch, da Grand Valley State University, pelos seus comentários sobre o texto.

1964) é demasiado conhecido para requerer aqui discussão (veja Azevedo, 1982; Bastos, 1984; Barreto, 1963). No entanto, Julião não surgiu do vazio para se converter no porta-voz dos trabalhadores rurais. Nos quinze anos que precederam a sua escolha para presidente honorário das Ligas Camponesas, em 1955, foi um advogado obscuro do Recife que representava vários camponeses em ações legais contra latifundiários. As Ligas Camponesas cresceram, e com o apoio delas Julião tornou-se deputado estadual em 1958 e deputado federal em 1962. No entanto, o seu papel político, além de uma campanha breve e sem sucesso na busca do seu retorno ao Congresso em 1966, foi efetivamente interrompido pelo golpe militar de 1964

Nos dias que se sucederam àquele golpe de estado, Julião foi preso por policiais na fazenda "Bauzinho" em São Gabriel, Estado de Goiás, e feito prisioneiro pelos militares. As Ligas foram desmanteladas pelo regime militar.² Depois de ter passado um ano e meio na prisão, foi permitido a Julião partir para o exílio no México.

Nos anos que se seguiram ao golpe de estado, uma profusão de livros e artigos, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, tentava explicar o desaparecimento de Julião e das Ligas. A imagem de Julião como um reformador social importante e efetivo, promovidas por escritores como Gondim da Fonseca em **Assim Falou Julião** (1962), Antônio Callado em **O Tempo de Arraes** (1964) e Joseph Page em **The Revolution That Never Was** (1972), não sobreviveu ao ataque. As motivações que levaram Julião a organizar camponeses e trabalhadores rurais foram questionadas, a sua capacidade organizacional criticada e a sua lucidez política posta em causa. O propagador da palavra de ordem "reforma agrária na lei ou na marra", um homem que foi comparado ao grande abolicionista Joaquim Nabuco em 1963,³ foi amaldiçoado no seu próprio País, e virtualmente esquecido pela nova geração de brasileiros.

2. UM FALSO PROFETA?

Nas abordagens acadêmicas sobre Julião e sobre as Ligas, verificam-se duas tendências. Primeiro, há uma falta de reconhecimento do papel dos trabalhadores rurais e dos camponeses na criação do seu próprio movimento. Trabalhadores rurais são vistos como um "campesinato" passivo mani-

pulado por políticos, padres, estudantes, comunistas e por outros líderes urbanos.⁴

A interação entre estes trabalhadores e os seus porta-vozes da classe média, as concessões e ganhos mútuos, não são reconhecidos. Segundo, os motivos de Julião são constantemente questionados, e está implícito, quando não afirmado, que ele não passou de um manipulador e de um oportunista. Ambas interpretações precisam ser reavaliadas.

Schmitter (1971) é um exemplo da primeira abordagem. Um discípulo das teorias da modernização prevalentes nos EUA nos anos 60, ele defende que a mobilização dos trabalhadores rurais nos anos 50 e 60 ocorreu em resultado de processos mecânicos. Nas suas palavras, o índice de "mobilização de comunicação" ultrapassava o de "diferenciação estrutural". (Em linguagem simples, as pessoas do campo eram expostas aos líderes "modernos", suas ideologias e técnicas organizacionais, antes que pudessem obter trabalho na agricultura e na indústria, o que as predisponha a seguir tais líderes).⁵ Pearson (1967) utiliza a segunda abordagem, descrevendo a competição pela representação dos trabalhadores no início dos anos 60 como sendo um reencontro de milícias privadas chefiadas pelos notáveis locais, que alistavam trabalhadores rurais para lutar por eles. Neste esquema, Julião não é mais do que um dos notáveis locais, e não há espaço para qualquer atividade política autônoma da parte dos trabalhadores.⁶

No entanto, a primeira Liga Camponesa foi formada por um grupo de arrendatários que se juntou por iniciativa própria para resistir à expulsão da terra que cultivavam. Esses arrendatários do engenho Galiléia, perto de Vitória de Santo Antão, organizaram eles próprios a Liga, elegeram uma diretoria, fizeram levantamento de fundos e registraram a Liga como uma sociedade civil. Foi só quatro meses depois de a Liga ter sido estabelecida que seus membros procuraram o patrocínio de Julião e de outros políticos do Recife.⁷ Isto aconteceu porque a polícia começou a ameaçar os arrendatários.

Este tipo de atividade com origem autônoma ocorreu em toda a Zona da Mata. Arrendatários e assalariados juntaram-se em defesa dos seus interesses. Tinham condição de escolher, convidar, se assim o entendessem, quem iria patrocinar a sua organização. Passeatas, greves e outras manifestações de descontentamentos nem sempre eram "organizadas" por líderes externos, mas ocorriam nos engenhos e nas cidades na Zona da Mata em consequência dos próprios pla-

nos e ações dos trabalhadores. Líderes externos como Julião envolveram-se então nestes conflitos, apresentando-se como porta-vozes dos trabalhadores, e tentando "geri-los".⁸ Constitui-se, no entanto, um sério erro de interpretação dos acontecimentos falar-se somente da manipulação, pelas elites, de trabalhadores rurais descontentes. Constitui subestimação da capacidade de uma ação política ponderada por parte dos trabalhadores atribuir-se as origens do movimento a uma espécie de processo mecânico de disjunção entre "mobilização de comunicação" e "diferenciação estrutural", como decretava a abordagem modernizadora prevalecendo nos anos 60 (exemplificada por Schmitter).

Quanto ao papel de Julião, analistas parecem olhar para os seus últimos anos de atividade política nos anos 60 com algum cinismo, negando o fato de que, antes de tornar-se famoso, Julião trabalhou por 15 anos como advogado no Recife, defendendo casos de arrendatários e pequenos proprietários contra latifundiários, muitas vezes sem cobrar.⁹ Schmitter, por exemplo, diz implicitamente que a única motivação que Julião teria para falar em favor dos trabalhadores rurais seria a criação de um banco de votos que pudesse manipular.¹⁰ Isso ignora o fato de que a maioria dos trabalhadores rurais, formada por analfabetos, não tinha o direito de votar conforme a constituição vigente nos anos 60. Haveria com certeza uma forma mais fácil de galgar os caminhos da política nesses dias sem ter de depender do apoio da pobreza rural!¹¹

Leeds (1964), numa variante mais sofisticada deste argumento, pretende que Julião estaria antes interessado em criar um eleitorado potencial para si próprio. Classificando Julião incorretamente como latifundiário, descreve-o como sendo um membro oportunista de uma "nova-guarda política", engajado na "manipulação da massa e das suas duras experiências de vida tendo em vista constituir uma ameaça para a velha guarda".¹² Leeds afirma que Julião não constituía uma ameaça a interesses instituídos, mas que era meramente um "de fora" querendo substituir os "de dentro".

No entanto, se Julião nunca tivesse constituído realmente uma ameaça a interesses instituídos, seria pouco provável que tivesse sido encarcerado depois do Golpe de 1964, e forçado mais tarde ao exílio no México. Além disso, se Julião tivesse querido tornar-se simplesmente um membro da elite política nacional, poderia ter escolhido formas muito mais fá-

ceis de atingir o topo, como por exemplo aliando-se a um aparelho político urbano dentro da UDN ou de outro partido, e usando redes de patrocínio e apoio preexistentes. Em vez disso, Julião ajudou as organizações de trabalhadores rurais numa altura em que essas organizações eram extremamente frágeis e reprimidas pelo governo estadual.

Entender que Julião nunca constituiu uma ameaça a interesses instituídos desafia a lógica, bem como a nova evidência histórica. O arquivo **Nunca mais** compilado pela arquidiocese de São Paulo contém fichas, mantidas pelo Exército, de pessoas politicamente suspeitas nos anos que antecederam o golpe. O Quarto Exército Brasileiro elaborou uma ficha de Julião nos anos 50. A ficha contém uma seção intitulada "Atividades Políticas", na qual se encontra inscrito:

A sua atuação não se conta pelos anos. Era diária, onde se encontrasse, em Pernambuco, na Paraíba, no Estado do Rio, na Assembléia, no Brasil e no Exterior. O seu "slogan" era de todos conhecido — "Na Lei ou na Marra".

Seus cartazes de propaganda seguiam as linhas clássicas do Marxismo.

Estava atuando na zona rural, nos sindicatos, na SUDENE, na Câmara Federal e as suas falções eram sempre as mesmas: Revolução, Violência, Invasões de Terras e Agitações. [...]

Era o responsável pelo espírito belicoso do homem do campo comunizado ou melhor cubanizado.

Seus filhos estudam e militam nos países e milícias comunistas.

Sua esposa e suas amásias seguem as suas pegadas.

Sua periculosidade atinge o clamor público.¹³

Evidentemente, o Exército brasileiro não via Julião simplesmente como mais um "de fora" querendo entrar, mas como um homem empenhado em mudanças sociais.

Skidmore (1967) confere tão pouco crédito a Julião quanto Leeds, embora seja mais oblíquo a esse respeito. "Em incios de 1964", escreve, "Julião desaparecera virtualmente de vista, distraído pelos prazeres do Rio de Janeiro e de Brasília, e os seus seguidores tinham sido obscurecidos por ou-

tros movimentos mais novos".¹⁴ Somos assim levados a acreditar que Julião estaria simplesmente demasiado ocupado desfrutando dos prazeres na cidade para voltar a preocupar-se com a política rural.

Os céticos e duvidosos fornecem uma imagem distorcida de Julião, e provam a velha verdade segundo a qual a história é impiedosa para com os derrotados nas lutas políticas. É verdade que Julião não liderou uma organização forte em 1964, e que, nas palavras do comandante do Quarto Exército, Costa e Silva, estava meramente fazendo "bluff".¹⁵ Todavia, ele não foi um mero oportunista, e o papel histórico que desempenhou nos anos 50, ao trazer as Ligas Camponesas ao palco político nacional, foi extraordinário. Nas palavras de um organizador rural rival, o Padre Melo, "Julião foi o relógio despertador que nos acordou a todos para o problema [rural]."¹⁶

Ao sujeitar-se a todos os problemas resultantes do fato de ter organizado trabalhadores rurais, a maior parte dos quais não podia votar, Julião demonstrou que estava genuinamente comprometido em melhorar a situação da pobreza rural de Pernambuco. A estrutura da sociedade impunha limites poderosos à sua capacidade de ação — mas muitas das suas intenções eram admiráveis. A perspectiva de Leeds, Schmitter e Skidmore nega este fato. Representa uma visão personalista conhecida, psicológica, que tenta diminuir e menosprezar as ações idealistas de certas pessoas. Tal perspectiva tenta convencer-nos de que fama, posição social, riqueza e prazer são as únicas motivações destas pessoas, e que todos os seus atos públicos derivam de ambições e desejos perniciosos por natureza.¹⁷ Segundo este tipo de visão, a pessoa desacreditada não pode, por definição, cometer um ato político louvável — todos os atos esconderiam sórdidas motivações pessoais. Trata-se de uma visão unidimensional da história, mesmo num País tão desiludido e decepcionado pelos seus líderes políticos como o Brasil.

Todo o político que tenta mudar estruturas econômicas e políticas em benefício dos pobres e menos poderosos tem acabado, cedo ou tarde, por ser acusado de usar os pobres para os seus fins pessoais, de transigir com a demagogia na procura de poder privado. A acusação é freqüentemente uma meia-verdade. Ela não capta completamente a verdade de Julião, que escreveu acerca dos problemas dos camponeses e trabalhadores rurais de Pernambuco antes de se tornar um

político, e que continuou a escrever acerca desses problemas no exílio.

A conduta de Julião depois de ter sido preso em 1964 é condizente com o seu caráter. As transcrições do seu interrogatório pelos militares mostram que, diferentemente de muitos outros prisioneiros políticos, Julião não tentou esconder as suas convicções políticas ou renegar os seus associados. Ao perguntarem-lhe qual o seu conceito de ideologias “extremistas” como o Nazismo, o Marxismo e o Fascismo (uma pergunta padrão dos interrogadores militares brasileiros), Julião respondeu que não considerava o Marxismo uma ideologia extremista, mas um método de interpretar a vida, a sociedade e a história, e continuou acrescentando que “é marxista puro e um socialista radical, e como tal defende um tipo de socialismo que se contrapõe ao regime capitalista”.¹⁸ Julião declarou também sob interrogatório que “nutre uma sincera admiração por Fidel Castro” e defendeu as “reformas profundas que essa Revolução [a cubana] conseguiu introduzir...”.¹⁹ As palavras podem estar fora de modo hoje, mas são palavras corajosas, considerando que foram ditas a oficiais militares veementemente anticomunistas que tinham o poder de o encarcerar por longo tempo.

No entanto, declarar que Julião era sincero nas suas intenções e que estava fortemente comprometido com a mudança social não é o mesmo que ponderar os efeitos de suas ações. É nesta área que as críticas a Julião são mais pertinentes: não em relação às suas intenções ou às suas habilidades retóricas e propagandísticas, mas em relação aos seus erros de estratégia e à sua falta de capacidade organizativa. Se as ações e as idéias de Julião provieram sinceramente do seu coração e do seu entusiasmo, não foram por isso mesmo racionais e excelentes.²⁰ Ele não pode ser absolvido de algumas das conseqüências imprevistas e infelizes da sua agitação política.

Em retrospectiva, Julião cometeu claros erros de julgamento, compartilhados, no entanto, por muitos outros na época — estudantes, ativistas de partido de esquerda, jornalistas, acadêmicos, etc. Por exemplo, ele superestimou o potencial para uma revolução, pacífica ou não, no Nordeste agrário.²¹ Errou desde o início ao tentar sediar as Ligas entre os pequenos proprietários do Agreste, em vez de estabelecê-las entre os trabalhadores assalariados da Mata. Negligenciou detalhes organizacionais e perdeu eventualmente o controle do seu

próprio movimento, tal como o demonstrou claramente a descoberta de um campo de guerrilha em Dianópolis dirigido por organizadores da Liga Camponesa em 1962.²²

Talvez a crítica mais reveladora de todas tenha vindo do sindicato de trabalhadores rurais em Vitória de Santo Antão, local da primeira Liga Camponesa, o qual caracterizou Julião em 1988 como alguém que incitava os trabalhadores à ação, mas que não permanecia ao seu lado em momentos críticos, como alguém que os abandona na hora da repressão.²³ É irônico que Julião tenha falhado em estabelecer um legado mais positivo, mesmo durante a cena do seu maior triunfo, a expropriação do engenho Galiléia em 1959.

Líderes de sindicatos de trabalhadores rurais por toda a Zona da Mata fizeram comentários semelhantes. As afirmações a seguir foram feitas em 1988:

“... esse Julião foi com o povo, mas muita gente ficou prejudicada. Correu do engenho e sofreu muito por causa dele”

Secretário do STR de Moreno

“Eu fui vítima da política dele. Ele foi responsável pelo que aconteceu — eu fui preso. Eu fiquei desconfiado”

Presidente do STR de Glória de Goitá

“Julião entrou com as Ligas Camponesas e perdeu que a gente fizesse coisas contra a lei. Qual patrão ia dar terra para a reforma agrária? Teve um trabalhador, membro da Liga, que foi morto depois do golpe... O presidente da Liga foi agredido e quase morreu. O Exército pegou o livro de registro e caçou todos os membros da Liga”²⁴

Secretário do STR de Aliança.

Durante o trágico período subsequente ao golpe militar, muitos trabalhadores rurais sentiram evidentemente que Julião fora indiretamente responsável pela repressão que desceu sobre eles. Esta queixa não é inteiramente lógica, uma vez que o próprio Julião estava encarcerado pelos militares.

Demonstra, no entanto, que a diferença de classe entre Julião e os seus seguidores era imensa, e que pelo fato de ser membro da classe alta, Julião desfrutava de uma imunidade de riscos que camponeses e trabalhadores tinham que enfrentar. Para Julião, agitação era uma “coisa linda”, a qual resultou eventualmente num exílio bastante confortável. Para trabalhadores rurais e camponeses, associar-se à agitação poderia resultar em morte depois do golpe militar. A sua atitude em relação à mesma era portanto muito mais ambígua do que a de Julião.

No entanto, Julião deu sem dúvida contribuições muito positivas à política brasileira. Envolveu-se em trabalho legal em defesa de pequenos agricultores desalojados e ameaçados, e ajudou a organizar as Ligas Camponesas dando-lhes voz por todo o País. Muitos defenderam que a imagem das Ligas era enfatuada, e talvez fosse, mas isso só poderia ajudar os trabalhadores rurais, que naquela altura procuravam uma arma política na sua luta contra os latifundiários.

É difícil imaginar que a federação de trabalhadores rurais, FETAPE (Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco), pudesse ter sido criada sem o exemplo de Julião. O exemplo de Julião foi também instrumental para a criação do Acordo do Campo, o pacto que regulamentava o pagamento dos cortadores de cana assinado em 1963, um documento precursor das convenções coletivas de hoje. Por outro lado, o patrocínio de organizações rurais que Julião ajudou a estabelecer foi vital para o sucesso da greve geral de novembro de 1963 nos canaviais de Pernambuco, provavelmente a greve mais bem sucedida da história da FETAPE. Julião provocou um impacto duradouro.

De todos os erros de Julião, talvez um dos mais sérios tenha sido o de ter falhado em prever os perigos de uma ditadura militar durante o crepúsculo da república populista.²⁵ Nas vésperas do golpe, a 31 de março de 1964, Julião afirmou no Congresso que “se amanhã alguém tentar levantar os gorilas contra a Nação, já podemos dispor — por isso ficamos no Nordeste o ano todo — de 500 mil camponeses para responder aos gorilas”.²⁶ Esta afirmação é, em parte, postura política: uma tentativa de intimidar oponentes políticos com ameaças exageradas. Mas foi também uma sobrestimativa grosseira da força organizacional e da capacidade de resistência dos camponeses e trabalhadores rurais do Nordeste, tal como ficou demonstrado pelo rápido sucesso dos golpistas.

Julião tornou-se também vítima da sua própria ideologia, a qual, embora expressada com simplicidade bíblica, não correspondia às ásperas realidades da Zona da Mata. Slogans do Tipo "Terra é pão. Pão é liberdade. E liberdade é paz".²⁷ Soam eloqüentes e preencheram as aspirações poéticas de Julião, mas não eram substituto para o trabalho organizacional necessário para completar um programa de reforma agrária. As reivindicações de Julião em 1961 na Conferência de Belo Horizonte — que "seja realizada uma reforma agrária que mude radicalmente a estrutura existente da nossa economia agrária e as relações sociais existentes no campo" — não assentavam numa estratégia que pudesse levar a tal reforma e que permitisse enfrentar o poder dos latifundiários.²⁸

De fato, parecia pouco provável que os sonhos de que Julião falava viessem alguma vez a realizar-se na Mata, onde grandes propriedades produtoras de açúcar gastavam enormemente nos anos 50 e início dos anos 60, com o apoio do governo federal. A importância das Ligas reside no fato delas terem fornecido um veículo de ação reconhecido nacionalmente a uma massa de trabalhadores que, ao perderem o acesso à terra, ou sob ameaça da sua perda, sofriam o embate dessa expansão.

Sem esta perda de terras as Ligas nunca teriam nascido e nunca teriam tido um papel unificador de mobilização da pobreza rural. No entanto, a perda de terras conduziu também à extinção das Ligas, porque as forças que conduziram ao alastramento da cana-de-açúcar e ao crescimento do trabalho assalariado na Mata eram mais fortes do que aquelas. O governo federal, mesmo sob um presidente reformista como Goulart, nunca esteve preparado para confrontar o poder dos usineiros e iniciar uma reforma agrária redistributiva em larga escala. Inspirado pelas guerrilhas cubanas de Sierra Maestra, os organizadores das Ligas gritavam "vitória ou morte" contra os latifúndios e encontraram — se não a morte — o esquecimento.

3. MUDANÇAS NA TERRA E O RETORNO DO PROFETA

Os finais dos anos 60 e os anos 70 foram uma época de grandes transformações na agricultura brasileira. Na Zona da Mata de Pernambuco, a plantação de cana-de-açúcar aumentou consideravelmente, impulsionada pelo programa de produção de álcool iniciado pelo governo federal em 1975. A

produção total de cana aumentou de 8,99 milhões de toneladas em 1961 para 17,97 milhões de toneladas em 1980.²⁹ Os plantadores removeram a maior parte dos trabalhadores residentes, os moradores que restavam dos engenhos, e preferiam contratar trabalhadores assalariados.³⁰ Com a ajuda do governo federal, os proprietários instalaram novas máquinas nas usinas e ampliaram grandemente a sua capacidade.

No seio dos trabalhadores, proletarização e urbanização, combinados à abertura política do regime militar nos anos 70, permitiram melhorias em termos de organização sindical. Em 1979 a FETAPE levou a cabo uma greve bem sucedida na área da cana-de-açúcar, que conduziu a um aumento de salário de 52% para os cortadores de cana, e ao restabelecimento do acordo no campo, por longo tempo esquecido, como um critério de pagamento.³¹ Depois disso, ocorreram greves quase todos os anos, na época da colheita, na Zona da Mata.

Em 1979, depois de uma anistia aprovada pelo regime militar, Francisco Julião regressou ao Brasil, tal como outros exilados políticos, como Fernando Gabeira e os ex-governadores Leonel Brizola e Miguel Arraes. No entanto, diferentemente destes, Julião nunca mais foi capaz de reentrar na vida política brasileira de forma significativa após a liberação de 1979. Tentou fazê-lo nas eleições de 1986, quando concorreu para o Congresso por Pernambuco, mas falhou desanimadoramente, regressando ao México.

Por que Julião foi incapaz de se reestabelecer como líder político no Brasil, se outros da sua geração assim o fizeram com grande sucesso? Brizola, por exemplo, foi eleito por duas vezes governador do Rio de Janeiro e foi um candidato de topo durante as eleições presidenciais de novembro de 1989; Arraes foi governador de Pernambuco e é agora deputado federal; e Gabeira é um comentarista político bem sucedido e fundador do Partido Verde. O insucesso de Julião não reside, como muitos defendem, numa mudança das suas posições entre 1964 e 1985. As posições de Julião sobre o problema agrário no Nordeste e sobre a solução adequada para aquele permaneceram essencialmente as mesmas. De igual modo, o seu fracasso eleitoral não pode ser explicado simplesmente em termos da sua impopular aliança com o candidato a governador pelo PFL em 1986, José Múcio Monteiro.

Essencialmente, Julião falhou no seu retorno devido às mudanças na estrutura econômica e demográfica do Brasil

ocorridas nos últimos 25 anos. A base de apoio de Julião no início dos anos 60 era um proletariado rural e um campesinato intimamente ligado a grandes propriedades. Nessa altura, quase 70 por cento da população brasileira era rural. Nos anos 80, só 30 por cento das pessoas viviam no campo, e na mata pernambucana, a maioria dos trabalhadores tinha-se urbanizado, proletarizado completamente, criara sindicatos próprios e tinha um nível de educação e alfabetização muito superior ao que existira previamente. Isto significava, com efeito, que a antiga base de apoio de Julião já não era suscetível à sua retórica agrária e às suas tentativas de mobilização.

Julião regressou após 15 anos de exílio, a uma Zona da Mata diferente. Em 1950, a Zona da Mata, excluindo o Recife, tinha uma população de 1.029.744. Desse total, 703.574, ou seja 68,3%, eram habitantes rurais, enquanto 163.696 eram classificados como urbanos. Só 162.274, ou seja, 15,8 por cento eram urbanos, e o Recife era uma cidade de somente meio milhão de habitantes. O índice de alfabetização era baixo, tendo cerca de 24,1 por cento dos que tinham idade superior a 5 anos.

Em 1986, a situação era muito diferente. A população total da área do açúcar, excluindo o Recife, era a mesma — 1.093.899 — mas só 45 por cento era rural. A população urbana tinha aumentado quase quatro vezes, e contava com 601.319, ou seja, 55 por cento do total. O próprio Recife tinha-se tornado numa cidade cogumelo de dois milhões e meio de pessoas. O índice de alfabetização subira para 39,3 por cento e, mais importante, fora garantido o voto aos analfabetos em 1985.³²

Nas eleições de 1986, portanto, Julião enfrentou uma população muito menos sintonizada com o seu agrarianismo místico do que tinha acontecido no início dos anos 60. Na Zona da Mata, os trabalhadores eram essencialmente urbanos, assalariados, e parte de um movimento sindical revigorado razoavelmente capaz de efetuar greves gerais de amplo alcance. Não é de surpreender, então, que só 3 em cada 50 líderes rurais da Zona da Mata que eu entrevistei em 1988 tenham afirmado que votaram em Julião nas eleições de 1986.

A falta de adequação da ideologia de Julião às novas realidades da Zona da Mata foram reveladas na sua "Carta aos Usineiros", publicada no **Diário de Pernambuco** de 18 de maio de 1986. Na carta, ele pedia aos usineiros de Pernambuco que doassem, num ato de caridade cristã, 10 por cento

das suas terras aos seus trabalhadores para culturas de subsistência. Este apelo caiu em ouvidos surdos. Julião supôs erradamente que os usineiros eram parte de uma comunidade de interesses que forneceria terra e assistência técnica gratuitamente aos trabalhadores pelo mero desejo de vê-los melhor alimentados e de ver "a terra servindo o homem e não o homem a terra".

De fato, tal como era sabido pelos líderes da FETAPE, na Zona da Mata uma grande massa de homens e mulheres empobrecidos trabalha para um pequeno grupo de outros homens e mulheres. A falta de terra para os trabalhadores servia aos interesses dos usineiros e donos dos engenhos, ao manter uma força de trabalho dócil e barata. Trabalhadores com terras estariam melhor alimentados, seriam pessoas menos desesperadas, as quais possuiriam um poder de negociação mais forte e poderiam exigir salários e outros direitos tal como estabelecidos por lei. É por isso que mesmo a terra fora de uso na Mata é raramente dispensada pelos proprietários.

O remédio de Julião para a questão agrária, levado a sério tanto pelos seus amigos como pelos adversários no início dos anos 60, parecia espantosamente irrealista e irrelevante em 1986. Era pura poesia romântica acreditar que um apelo à boa vontade fosse capaz de ultrapassar mais de 450 anos de exploração, violência, pobreza, miséria e conflito de classe. Numa entrevista em 1988, Julião chegou a afirmar que José Múcio tinha prometido que, se fosse eleito governador, faria de Julião o Secretário Estadual para a Reforma Agrária.³³ Como Secretário, Julião teria tido o direito de expropriar terras, e estabelecer até 80.000 famílias sem terra em pequenos lotes. Tais afirmações demonstram quão longe da realidade política de Pernambuco ele se encontrava em 1986.

4. CONCLUSÃO

Apesar da perda de sua base política no Brasil e das suas tentativas quixotescas de persuadir os usineiros de Pernambuco a cederem voluntariamente parte das suas terras, o legado positivo de Julião permanece. Ele captou a imaginação da classe média urbana, alertando-a para o problema da pobreza rural numa altura em que esta não contava da agenda política. Hoje, ele ainda mantém uma paixão pela terra e eloquência na defesa dos camponeses, à qual se referiu uma vez como sendo "a imagem mais perfeita... da humanida-

de".³⁴ Julião é talvez melhor lembrado como um lírico romântico com um profundo sentido de humanidade. Nas suas próprias palavras, é um "[d]os que clamam contra... os que fazem da política um instrumento de dominação do homem, da terra, da ciência e da técnica, em função dos interesses já consolidados... (os que fazem) o clamor unísono que toma o nome de bem comum ou justiça social".³⁵

Os seus erros foram os erros de muitos outros. Pensou que de um modo ou de outro poderia dar poder aos trabalhadores rurais falando em seu nome. Negligenciou a tarefa vital da organização das bases, razão pela qual as Ligas Camponesas não puderam agüentar o ataque dos militares e dos proprietários de terras depois do golpe militar de 1964. Julião também idealizou os camponeses, subestimando o isolamento, a falta de educação e a falta de contato com o mundo que perpetuava a sua exploração e fraqueza política. Num Brasil crescentemente urbano e industrializado, o seu populismo rural, de um misticismo simplista, cristão, é coisa do passado.

Julião foi talvez demasiado literário e auto-indulgente, demasiado enamorado pela beleza das palavras, paisagens e prazeres da vida quotidiana para que pudesse ter sido um dos revolucionários bem sucedidos que tanto admirava. No seu livro **Até Quarta, Isabela** revela este aspecto da sua personalidade. Conta que depois de ter sido preso em 1964, foi entrevistado por um coronel em cujo escritório havia uma estátua de Napoleão. Ao vê-la, Julião devaneia:

E me lembrava da ordem seca de Bonaparte, na campanha do Egito, mandando assassinar dez mil homens, dez mil prisioneiros turcos, porque não havia ração suficiente para eles. O corso genial justificara: "Os exércitos marcham sobre estômagos". "Por que Napoleão e não Beethoven que foi seu contemporâneo?" Tive de reprimir um impulso, um desejo quase incoercível de indagar ao coronel: "Coronel, o senhor prefere Austerlitz ou a Nona Sinfonia?" E de responder eu mesmo: "Prefiro a Nona porque Beethoven ao compô-la não derramou uma gota de sangue de ninguém".³⁶

É pouco provável que um homem com impulsos humanísticos deste tipo tivesse permanecido um mito no cenário

político do Nordeste. Em 1986 Julião tentou ultrapassar os efeitos de quinze anos de ausência forçada da sua terra e falhou, transformando-se a si próprio de mito em homem. Todavia, ele não é "somente mais um político", tal como Miguel Arraes lhe chamou.³⁷ A sua ação legal, novelística, retórica, jornalística, agitadora e política em favor dos trabalhadores rurais pobres causaram um impacto demasiado grande no Nordeste do Brasil para que tal rótulo seja apropriado. Numa altura em que "político" tornou-se um insulto, ele merece uma recordação melhor de que essa.

Francisco Julião merece ser recordado como um reformador que lutou e obteve uma pequena porção de mudança social numa região — o Nordeste do Brasil — com uma ordem social altamente inigualitária. Como muitos reformadores, falhou em atingir os seus fins, mas isso deveu-se em larga medida à grandeza dos seus sonhos de mudança social e libertação humana.

NOTAS:

1. **The Black Jacobins**, p. 172.
2. A citação é de "Arraes foi para F. Noronha e Pelópidas deposto". **Jornal do Commercio**, 3 de abril, 1964.
3. CARVALHO, Sócrates Times de. "Ontem Nabuco Hoje Julião". **A Liga**, 9 de janeiro, 1963.
4. De fato, as Ligas mais importantes encontravam-se na Zona da Mata, e eram apoiadas mais ativamente por trabalhadores assalariados.
5. SCHMITTER, p. 209.
6. PEARSON, p. 331. Pearson refere que nunca ficou muito claro quantos membros as Ligas Camponesas tiveram na verdade, mas acredita que as melhores estimativas são provavelmente de 40.000 membros em Pernambuco em 1963. Ver Pearson, p. 119.
7. Ver testemunho de um dos primeiros fundadores da Liga, José dos Prazeres, in Moraes, pp. 462-465.
8. Há muitos outros exemplos, além de Julião, de portavozes da classe média junto aos rurais pobres durante este período. Um deles é o estudante de 22 anos, João Alfredo dos Anjos, que em julho de 1963 diz ter falado em nome de cerca de 2.000 trabalhadores rurais em Vitória de Santo Antão. Estes trabalhadores ocuparam uma propriedade de 900 hectares fora de uso e exigiram o seu título. Foram eventualmente persuadidos a deixá-la. **Última Hora**, 11-27 de julho de 1963, vários artigos. Um outro exemplo de liderança externa, esta ainda menos bem sucedida do que a de João Alfredo, é a tentativa do estudante de Direito, Joel Câmara, de iniciar uma espécie de rebelião em Itambé, pela qual foi preso. A história é contada no livro de PAGE **The Revolution That Never Was**, p. 102.

9. Julião defendeu também casos da alta sociedade para compensar pelos casos da terra que defendia gratuitamente. Entrevista com Julião, realizada por Eliane Moury Fernandes, 21 de setembro de 1982. Esta entrevista foi feita para o CEHIBRA (Centro de Documentação e Estudo da História Brasileira Rodrigo Mello Franco de Andrade), e a sua transcrição encontra-se na Fundação Joaquim Nabuco, Recife.
10. SCHMITTER, p. 443.
11. SCHMITTER, documenta o percurso de Julião como candidato: 497 votos numa campanha perdida para deputado estadual em 1954 (mais tarde Julião entrou para a câmara como suplente, alternativo); 3.216 votos em eleição para deputado estadual em 1958; 16.266 votos para o Congresso Federal em 1962. Ao fazer a enumeração, implica que este aumento gradual de votos era a única motivação que levava Julião a liderar as Ligas Camponesas. SCHMITTER, p. 443.
12. LEEDS, Anthony. "Brazil and the Myth of Francisco Julião", pp. 195 e 202. Na realidade, Julião não era um "grande proprietário". O pai era proprietário de um engenho de 300 hectares em Bom Jardim, mas em 1962 Julião declarou possuir somente 40 hectares em Bom Jardim e 10 hectares em Gravatá. Francisco Julião, "O latifúndio: um doente com um tumor no cérebro" in **A Liga**, 27 de novembro, 1962.
13. Do Arquivo Nunca Mais, caso 266, caixa 4, volume 13, encontrado no Arquivo Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil. O caso 266 foi um enorme inquérito lançado pela polícia militar para apontar suspeitos de subversão em Pernambuco depois do golpe militar de 1964.
14. SKIDMORE, Thomas. *Politics in Brazil 1930-1964: An Experiment in Democracy*, p. 280.
15. Citado em PAGE, p. 93.
16. Citado em PAGE, p. 151.
17. Numa fase anterior, Hegel criticou esta visão da história. Escreveu que a mesma tentava persuadir "transformando na intenção principal e no motivo operativo de ação as inclinações e paixões que de igual modo encontravam satisfação no alcance de algo substancial, na fama, na honra, etc., conseqüente com tais ações... os quais eram previamente decretados como algo pernicioso".

- so em si". Ver George F. W., **Hegel's Philosophy of Right**, p. 84.
18. Testemunho de Francisco Julião Arruda de Paula, sem data, arquivo Brasil Nunca Mais, caso 266, caixa 5, volume 19.
 19. Ibid.
 20. Ver George F. W. **Hegel's**, op. cit., p. 85.
 21. Embora as probabilidades de uma revolução no Brasil fossem muito maiores se o Partido Comunista Brasileiro tivesse escolhido uma estratégia semelhante à de Sierra Maestra em vez da estratégia adotada — uma aliança com a "burguesia nacional".
 22. Detalhes do salto de Dianópolis, como lhe chama, podem encontrar-se no livro de PAGE, Joe **The Revolution That Never Was**. Semelhantemente, Paulo Cavalcanti critica as Ligas Camponesas por falta de coerência ideológica, ações absurdas e abusos, mesmo contra trabalhadores rurais em **O Caso Eu Conto Como o Caso Foi**, volume 2, pp. 30-31.
 23. Entrevista, Vitória de Santo Antão, 2 de maio, 1988.
 24. Notas de campo — extraído duma sondagem sobre líderes sindicais da zona da mata, conduzida por mim em 1988, como parte da minha pesquisa para o doutoramento.
 25. Por causa deste ERRO, alguém acusou Julião de ser um "agente provocador" que "marchava consciente ou inconscientemente em direção à repressão policial". Ver Sérgio Magalhães, citado em "Sérgio Reafirma: Julião Faz o Jogo de Lacerda". **Última Hora**, 5 de janeiro, 1963, p. 3.
 26. Citado em TOLEDO, Caio Navarro de. **O Governo de Goulart e o Golpe de 64**, p. 112.
 27. Da Fonseca, p. 80.
 28. A citação é fornecida em Hewitt, p. 385. A Conferência de Belo Horizonte, de 17 de novembro de 1961, foi uma conferência nacional de camponeses, organizada pela ULTAB (União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas) com o suporte financeiro do governo federal.
 29. Fonte: IAA, Superintendência Regional de Pernambuco, **Quadro Comparativo de Safras**, 1960/61 a 1986/87, e IBGE, **Censo Agrícola**, 1980.
 30. Ver SIGAUD, Lygia. **Os Clandestinos e Os Direitos**.
 31. Ver SIGAUD, Lygia. **Greve nos Engenhos**.

Anthony W. Pereira

32. Todos os números usados nos dois parágrafos antecedentes são do IBGE, Censos de 1950 e 1980, Pernambuco.
33. Entrevista com Julião, Cuernavaca, México, 24 de maio, 1988.
34. Francisco Julião, "Como Organizar Uma Liga", introdução, consultado no Núcleo de Documentação e Informação de História Regional (NDIHR), Universidade Federal da Paraíba. A data deste documento, uma coleção de artigos do jornal **A Liga**, é de dezembro de 1968.
35. JULIÃO, Francisco. "Os Camponeses e a Terra: Uma Visão". **Diário de Pernambuco**, 23 de abril, 1989, p. A-15.
36. JULIÃO, Francisco. **Até Quarta, Isabela**, p. 35.
37. Citado em PAGE, Joseph. op. cit., p. 159. Arraes disse isto durante o seu primeiro mandato como governador, em 1963/64.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

- ANDRADE, Manuel Correia de. **The Land and People of Northeast Brazil**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1980.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Nordeste: A Reforma Agrária Ainda é Necessária?** Recife: Editora Guararapes, 1981.
- ARRAES, Miguel, **Brazil: The People and the Power**. Middlesex: Penguin Books, 1969.
- AZEVEDO, Fernando Antônio. **As Ligas Camponesas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- BARRETO, Leda. **Julhão, Nordeste, Revolução**. Rio de Janeiro: Editora Civilização, 1963.
- BASTOS, Elide Rugai, **As Ligas Camponesas**. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.
- BELOCH, Israel, & ABREU, Alzira Alves de. (eds.), **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro 1930-1983**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (CPDOC), 1984.
- CALLADO, Antônio. **Tempo de Arraes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CAVALCANTI, Paulo. **O Caso Eu Conto Como O Caso Foi. Volume 2: Memórias Políticas**. Recife: Editora Guararapes Limitada, 1980.
- FONSECA, Gondin da. **Assim Falou Julhão**. São Paulo: Editora Fulgor, 1962.

Anthony W. Pereira

FORMAN, Shepard. **The Brazilian Peasantry**. New York: Columbia University Press, 1975.

HEGEL, Georg W. F., **The Philosophy of Right** translated and edited by T. M. Knox (Oxford: Oxford University Press, 1952).

HEWITT, Cynthia, "Brazil: The Peasant Movement of Pernambuco, 1961-1964" in Henry A. Landsberger (ed.), **Latin American Peasant Movements**. Ithaca: Cornell University Press, 1969.

JAMES, C.L.R. **The Black Jacobins**. New York: Vintage Books, 1963.

JULIÃO, Francisco. **Cambão — The Yoke: The Hidden Face of Brazil**. Middlesex: Penguin Books, 1972.

JULIÃO, Francisco. **Que São As Ligas Camponesas?**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962.

JULIÃO, Francisco. **Até Quarta, Isabela**. Recife: Editora Guararapes, 1979.

LEEDS, Anthony. "Brazil and the Myth of Francisco Julião" in Joseph Maier and R. W. Weatherhead (eds.), **Politics of Change in Latin America** (New York: F. A. Praeger, 1964).

MORAES, Clodomir, "Peasant Leagues in Brazil" in Rodolfo Stavenhagen (ed.), **Agrarian Problems and Peasant Movements in Latin America** (Garden City, NY: Anchor Books, 1970).

MORAES NETO, Geneton. **Cartas ao Planeta Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1988.

PAGE, Joseph. **The Revolution That Never Was**. New York: Grossman Publishers, 1972.

SCHMITTER, Philippe. **Interest Conflict and Political Change in Brazil**. Stanford: Stanford University Press, 1971.

SKIDMORE, Thomas E., **Politics in Brazil, 1930-1964**. Oxford: Oxford University Press, 1967.

TOLEDO, Caio Navarro de. **O Governo Goulart e O Golpe de 64**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DOCUMENTOS E ENTREVISTAS

Entrevista com Francisco Julião, Cuernavaca, México, May 24, 1988.

Arquivo Nunca Mais, Arquivo Leuenroth, UNICAMP, Campinas, São Paulo.

ARTIGOS

FORMAN, Shepard, "Disunity and Discontent: A Study of Peasant Political Movements in Brazil", **Journal of Latin American Studies**, v. 3, part I, p. 3-24, may, 1971.

FURTADO, Celso, "Brazil: What King of Revolution?" in **Foreign Affairs**, v. 41, n. 3, p. 526-535, april, 1963.

LANE, Jonathan, "Isolation and Public Opinion in Rural Northeast Brazil" in **Public Opinion Quarterly**, v. 33, n. 1, p. 55-68, spring, 1969.

LEEDS, Anthony, "Brazilian Careers and Social Structure: An Evolutionary Model and Case History", **American Anthropologist**, v. 66, n. 6, p. 1321-1347, part I, december, 1964.

MALLON, Florencia E., "Peasants and Rural Laborers in Pernambuco 1955-1964", **Latin American Perspectives**, v. 5, n. 4, p. 49-70, 1978.

MANUSCRITOS ACADÊMICOS

CAMARGO, Aspasia Alcântara de. **Brésil Nord-est: Mouvements Paysans et Crise Populiste** (Paris: Thèse Pour Le Doctorat Du 3 Cycle, Université de Paris, 1973).

Anthony W. Pereira

JACCOUD, Luciana de Barros. **Na Lei ou na Marra...: Movimentos Sociais e Crise Política em Pernambuco 1955-1968**. Recife: 1986. Tese (Mestrado em Sociologia) — Universidade Federal de Pernambuco, 1986.

PEARSON, Neale J. **Small Farmer and Rural Worker Pressure Groups in Brazil**. Gainesville: University of Florida Ph.D. dissertation, 1967.

PEREIRA, Anthony. **Regime Change and Rural Labor: The Case of Sugar Workers Unions in Pernambuco, Northeast Brazil 1955-89**. Cambridge: Harvard University Ph.D. dissertation in Government, 1991.

